

# PLATÃO. CARTAS: CARTA I

## PLATO. LETTERS: LETTER I

LOPES, R.; CORNELLI, G. (2017). Platão. *Cartas: Carta I. Archai*, n.º19, jan.- apr., p. 265-271

DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_19\\_9](https://doi.org/10.14195/1984-249X_19_9)

**Palavras-chave:** Platão, Cartas, Carta I, Dionísio II de Siracusa.

**Keywords:** Plato, Letters, Letter I, Dionysus II of Siracuse.

A tradução que se segue inaugura um projeto conjunto dos autores, que consiste em verter para o Português todas as cartas tradicionalmente incluídas no *corpus Platonium*. A ideia foi germinada na pesquisa que temos desenvolvido na Cátedra UNESCO Archai e, por isso mesmo, será materializada na revista que lhe pertence. Nesta primeira fase do projeto, nos limitaremos a publicar traduções preliminares de cada carta, acompanhadas de breves parágrafos introdutórios sobre o seu contexto.

archai 

nº 19, jan.-apr. 2017

Como decerto será do conhecimento comum, esta secção epistolar do *corpus* tem sérios problemas quanto à sua autoria. Na verdade, no total de 13 cartas, apenas duas delas podem ser atribuídas a Platão; ainda que essa pretensão de autenticidade esteja longe de alcançar um consenso entre os autores. São elas (1) a famosa *Carta VII*, que ainda hoje divide a comunidade de platonistas entre aqueles que a aceitam como autêntica e os que não;<sup>1</sup> e (2) a *Carta VIII*, que tem menos condições de ser atribuída a Platão dado o elevado número de anacronismos que apresenta (vide Brisson, 2008, p.623). Todas as outras são inquestionavelmente espúrias.

Em todo o caso, o problema da autenticidade é minimizado pelo interesse que tal repositório epistolar tem suscitado ao longo de tantos séculos de exegese platonista. O conjunto das 13 cartas está incluído no *corpus* já desde as suas antiquíssimas divisões: nas trilogias de Aristófanos de Bizâncio e também nas clássicas tetralogias tradicionalmente atribuídas a Trasilo (vide Lopes, 2013). Em ambos os modelos as cartas ocupam a última posição (depois de *Críton* e *Fédon* em Aristófanos; depois de *Minos*, *Leis* e *Epínomis* em Trasilo). Isso não implica, todavia, que os antigos considerassem as cartas espúrias; pelo contrário, aliás, visto que generalidade dos autores (pagãos e cristãos) as toma por autênticas (vide Zaragoza & Gómez Cardó, 1992, p.429-433). São de notar as possíveis exceções de Proclo e Aristóteles. O primeiro, segundo um *testimonium* de Olimpíodoro, teria rejeitado a totalidade das cartas; mas tal relato acabou por ser desconsiderado, pois na rejeição estavam também incluídas as *Leis* e a *República* (vide Maddalena, 1948, p.V). Quanto ao segundo, não se pode falar de rejeição, mas apenas de silêncio: Aristóteles nunca refere as cartas de Platão,

nem mesmo quando, no Livro V da *Política*, fala da querela entre Díon e Dionísio de Siracusa. Alguns dos autores que defendem a inautenticidade da *Carta VII* usam este silêncio de Aristóteles como argumento.

Nos manuscritos medievais as cartas aparecem listadas no final, logo antes dos diálogos considerados espúrios. Esta posição não deve indiciar suspeitas de autenticidade, visto em apenas alguns deles *apenas* a *Carta XII* surge notada como espúria.

Assim, a tendência de rejeitar a autoria platônica das cartas é bastante recente, tendo em conta a longa tradição de comentário e interpretação; mais precisamente a partir de inícios do século XIX, depois dos trabalhos de Meiners (1782), Ast (1816) e Karsten (1864), que as reconhecem todas como espúrias.

### **SOBRE A CARTA I**

A primeira das cartas está no grupo das seguramente espúrias. Este brevíssimo texto tem por argumento uma suposta visita de Platão à Sicília, durante a qual foi consideravelmente mal tratado por Dionísio. Depois de regressar a Atenas, Platão a terá escrito e enviado com a intenção de devolver uma pequena quantia que Dionísio lhe tinha dado para a viagem.

O texto transpira, pois, um profundo ressentimento por tal episódio, sobretudo pela mesquinhez de Dionísio (visto que a quantia nem era suficiente para a passagem). Alimentado por este sentimento e, com base em algumas citações de poetas líricos e trágicos, o tema da carta é, ao mesmo tempo, uma crítica à soberba dos tiranos e um alerta contra as consequências desse tipo de comportamento.

archai ἀρχαί

nº 19, jan.-abr. 2017

Rodolfo Lopes, Gabriele Cornelli, 'Platão. Cartas: Carta I', p. 265-271

## CARTAS: CARTA I

Platão a Dionísio,

Que esteja tudo bem.

(309a) Depois de eu ter passado tanto tempo contigo e de me ter sido confiada, mais que a qualquer outra pessoa, a gestão do teu governo, enquanto recebias os proveitos, eu suportava as calúnias – e penosas que elas eram. Pois sabia que a opinião corrente era que nenhuma das crueldades por ti cometidas tinha o meu consentimento (309b). São minhas testemunhas todos os que participaram contigo no governo da cidade, muitos dos quais eu socorri, aliviando-os de penas nada pequenas. Depois de tantas vezes, enquanto governante absoluto, ter salvaguardado a tua cidade, fui afastado, de um modo mais desonroso do que se costuma afastar um mendigo, por ti, que me ordenaste a navegar dali para fora, depois de ter passado tanto tempo contigo. Por isso, no que a mim me toca, tratarei de, nas restantes ocasiões, me manter afastado dos assuntos humanos, enquanto que

“tu, tão tirano que és, viverás sozinho”<sup>2</sup>.

Quanto a esse brilhante ouro (309c) que me entregaste para o meu afastamento, to leva Báquio, o portador desta carta. De facto, não é nem suficiente para esta passagem nem útil para qualquer outra necessidade, antes representa para ti, que a entregaste, um descrédito enorme e não muito menor para mim, se a aceitasse; por isso, não a aceito. No entanto, é evidente que não te faz qualquer

diferença aceitar ou entregar tal quantia, de tal forma que, quando a tiveres recebido, usa-a para tratar de qualquer outro dos camaradas, tal como fizeste comigo. Quanto a mim, (309d) já fui suficientemente tratado por ti. Até é o momento oportuno para eu dizer, como Eurípides, que, quando um dia caírem sobre ti outras coisas,

“suplicarás pela presença desse tipo de homem”<sup>3</sup>.

Quero ainda lembrar-te que a maioria dos outros tragediógrafos, quando leva ao palco um tirano que é morto por alguém, representa-o gritando:

(310a) “destituído de amigos, miserável que sou, estou aniquilado!”<sup>4</sup>

Mas nenhum o representou aniquilado pela falta de ouro. Também este seguinte poema parece não ser prejudicial a quem tenha bom-senso:

“Não é o ouro brilhante a maior raridade na desperada vida dos mortais,

Nem o diamante, nem os leitos de prata, que brilham à vista, apreciados pelos homens;

nem os férteis campos da vasta terra, que, prenhes, abundam de provimento;

nada como a compreensão entre homens bons e concordantes”<sup>5</sup>.

(310b) Adeus, e reconhece o quanto me falhaste, para que procedas melhor com os outros.

archai 

nº 19, jan.-apr. 2017

Rodolfo Lopes, Gabriele Cornelli, ‘Platão. Cartas: Carta I’, p. 265-271

## NOTES

- 1 Veja-se neste sentido a recente publicação de Burnyeat & Frede (2015).
- 2 Pode tratar-se de um trímetro iâmbico, cujo autor e obra são desconhecidos (v. *TrGF*, F 346c Kannicht-Snell).
- 3 Eurípides, obra não identificada (*TrGF*, F 956 Kannicht-Snell).
- 4 Tragédia desconhecida de autor desconhecido (*TrGF*, F 347 Kannicht-Snell).
- 5 Poema lírico de autor desconhecido (*Poetae Melici Graeci*, 988 Page).

## BIBLIOGRAFIA

AST, F. (1816). *Platon's Leben und Schriften: Ein Versuch, im Leben wie in den Schriften des Platon das Wahre und Aechte vom Erdichteten und Untergeschobenen zu Scheiden, und die Zeitfolge der ächten Gespräche zu Bestimmen*. Leipzig, Weidmann.

BRISSON, L. (2008) (org.). *Platon. Oeuvres Complètes*. Paris, Flammarion.

BURNYEAT, M.; FREDE, M. (2015). *The Pseudo-Platonic Seventh Letter*. Dominic Scott (ed.). Oxford, Oxford University Press.

KARSTEN, H. T. (1864). *Commentatio critica de Platonis quae feruntur Epistolis*. Utrecht, Kemink et Filius.

LOPES, R. (2013). A organização tetralógica do *corpus Platonicum* (3.56-62): uma revisão do problema. In: LEÃO, D.; CORNELLI, G.; PEIXOTO, M. (eds.). *Dos homens e suas ideias. Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio*. Coimbra, IUC, p. 125-138.

MADDALENA, A. (1948). *Platone. Lettere*. Bari, Laterza.

MEINERS, C. (1782). Iudicium de quibusdam Socraticorum reliquiis, inprimis de Aeschinis dialogis, de Platonis eiusque condiscipulorum epistulis, necnon de Cebetis tabula. *Akad. d. Wiss*, 5, p. 45-58.

ZARAGOZA, J.; GÓMEZ CARDÓ, P. (1992). *Platón. Diálogos VII (Dudosos, Apócrifos, Cartas)*. Madrid, Editorial Gredos.

Submetido em Agosto e  
aprovado para publicação em Setembro, 2016

archai 

nº 19, jan.-apr. 2017

Rodolfo Lopes, Gabriele  
Cornelli, 'Platão. Cartas:  
Carta I', p. 265-271